

Friedrich Wilhelm Nietzsche

VONTADE DE POTÊNCIA

Ensaio de uma transmutação de todos os valores

Esboço de um prólogo

As grandes coisas exigem silêncio, ou que delas falemos com grandeza: com grandeza significa: com cinismo e inocência¹.

Narro aqui a história dos dois séculos que virão. Descrevo o que virá, o que não mais deixará de vir: *a ascensão do niilismo*. Desde já esta página da história pode ser contada: porque, no caso presente, é a própria necessidade que a produzirá. O futuro fala desde já pela voz de cem signos, a fatalidade anuncia-se em toda a parte; para entender esta música do futuro todos os ouvidos já estão atentos. A civilização européia agita-se desde muito sob uma pressão que vai até a tortura, uma angústia que cresce em cada década, como se quisesse provocar uma catástrofe: inquieta, violenta, arrebatada, semelhante a um rio que quer alcançar o *término* de seu curso, que não reflete mais, que teme até refletir.

Quem toma qui a palavra nada mais fez, até o presente, que meditar e *recolher-se* como filósofo e como solitário por instinto, que encontrou proveito fora da vida, apartado dos homens, na paciência, na contemplação, no retiro; qual um espírito audaz e temerário que várias vezes se descaminhou pelos labirintos do futuro, qual um pássaro profético que *dirige seus olhos para trás* quando descreve o que pertence ao futuro, o primeiro niilista perfeito da Europa, mas que ultrapassou o niilismo, tendo-o vivido em sua alma – e vendo atrás de si, abaixo de si, longe de si².

Não nos enganemos quanto ao sentido do título que quer tomar este evangelho do futuro. “*Vontade de Potência*. Ensaio de uma transmutação de todos os valores” – nesta fórmula expressa-se um *contramovimento*, quanto à origem e à missão; um movimento que, num futuro qualquer que seja, substituirá o niilismo total; mas que admite sua necessidade, lógica e psicológica: que absolutamente virá *depois* dele e por *ele*. Por que se impõe desde já a vinda do niilismo? Porque precisamente foram os valores, predominantes até o presente, que no niilismo alcançaram as últimas conseqüências; porque o niilismo é o último limite lógico dos grandes valores e de nosso ideal; porque precisamos transpor o niilismo para compreendermos o verdadeiro *valor* dos “valores” do passado... Não importa qual seja esse movimento, dia virá em que teremos necessidade de valores *novos*...

¹ Nietzsche não emprega aqui o termo *cinismo* na acepção pejorativa comum, mas no sentido filosófico-ético do desprezo às convenções da opinião pública e da moral. Esta acepção é a decorrente da escola de Antístenes, ou escola Cínica. Ao jogar juntos os dois vocábulos: “cinismo e inocência”, Nietzsche caracteriza, de antemão, seu espírito dialético e polêmico: falar com cinismo significa: sem se preocupar com as convenções. E com inocência, significa, sem segundas intenções, com clareza, pureza e dignidade

² Nietzsche já se confessa niilista. Segundo sua análise, podemos dividir os niilistas em positivos e negativos, e a estes, subdividi-los em ativos e passivos. Assim o próprio Nietzsche é um “niilista positivo e ativo”, contrastando com os cristãos que são “niilistas negativistas passivos”, ou os socialistas da esquerda, que são “niilistas negativistas ativos”. Essa classificação é puramente exemplificativa. No entanto, convém esclarecer que o sentido de *negativo* ou *positivo* se relaciona com o impulso de vida ou de morte, na atuação das doutrinas ou pessoas. Para Nietzsche, predominam os impulsos de morte sobre os de vida, tanto no cristianismo como no socialismo. A interpretação de Lichtenberger, que viu em Nietzsche um negativista ativo, não procede, a não ser julgado do ponto de referência cristão.

LIVRO PRIMEIRO

O Niilismo Europeu

Um Plano

1.

Vede que surge a contradição entre o mundo que veneramos e o mundo que vivemos, que somos. Resta-nos: ou suprimirmos nossa veneração ou suprimirmo-nos. O segundo caso é o niilismo

1. O niilismo que ascende em teoria e na prática. Derivação viciosa deste (pessimismo, suas espécies: prelúdio do niilismo, embora inútil)³.

2. O cristianismo que sucumbe ante sua moral. “Deus é a verdade”; “Deus é o amor”; “Deus justo”. — O maior acontecimento — “Deus morreu” — surdamente pressentido.

3) A moral, quando privada de sua sanção, não mais se sustém. Conclui-se por deixar *cair* a interpretação moral — (mas o sentimento ainda está saturado dos resíduos da escala cristã de valores).

4) Foi sobre julgamentos morais que até o presente repousou o *valor*, antes de tudo o valor da filosofia (da vontade do verdadeiro”). (O ideal popular do sábio”, do profeta”, do “santo”, caiu em desuso.)

5) Tendências niilistas nas ciências naturais (“absurdos”); causalismo, mecanicismo. A submissão às leis é um intermédio, um resíduo.

6) Igual em política: falta a crença no justo direito, a inocência; reina a mentira, sujeição ao momento que passa.

7. Identicamente na economia política: supressão da escravatura, ausência de uma casta redentora, de um *justificador* — vinda do anarquista. “Educação?”

8. Análogo na história: o fatalismo, o darwinismo; a última tentativa de interpretá-la num sentido razoável e divino, malogrou-se. (Também aqui o fenomenalismo: o caráter como máscara: não há fatos.) A sentimentalidade diante do passado: não se suportaria a biografia!⁴

9. O mesmo na arte: o romantismo e seu *contragolpe*⁵ (a repugnância ao ideal romântico e sua mentira). Este é moral, tem o sentido de uma grande veracidade, mas é pessimista. Os “artistas” puros (indiferentes em face do assunto). (Psicologia de confessor e psicologia de puritano, duas formas do romantismo psicológico: mas também o seu oposto, a tentativa de observar “o homem” do ângulo puramente artístico, — ainda não se ousa ali a apreciação *contrária*!)

10 Todo o sistema europeu das aspirações humanas tem consciência de seu absurdo ou melhor de sua “imoralidade”. Probabilidade de um novo budismo. O maior perigo. — “Quais as relações entre a veracidade, o amor, a justiça e o mundo *verdadeiro*?”

Não existe nenhuma!

I — Niilismo

2.

³ Para Nietzsche o pessimismo é também uma condição do predo mínio dos impulsos de morte. A palavra é moderna e a acepção de Nietzsche não é a de Coleridge, e sim a de Schopenhauer levemente modificada. Não é propriamente a disposição de espí. rito que consiste em ver o lado mau das coisas de preferência aos bons, nem um desejo de que os acontecimentos se processem desfavoravelmente, nem a acepção de que a vida é somente dor e o prazer a cessação desta. Nietzsche, no aforismo n.º 16, define a acepção que aceita. Pessimismo é a disposição de espírito par ver o predomínio da dor sobre o prazer ou vice-versa (hedonismo). E neste caso que o pessimismo é já o prelúdio do niilismo. As outras acepções de Nietzsche acerca do pessimismo são expressadas nos aforismos seguintes.

⁴ Biografia, aqui, para Nietzsche é a narrativa da vida, das ações e dos trabalhos de uma determinada personagem histórica, quando orientada pelo romantismo, onde a exaltação da personagem era uma negação da realidade. Para a história, a biografia é um auxiliar poderoso. No momento, porém, em que o niilismo predomina, em que o realismo se impõe na arte, a biografia é inaceitável no estilo clássico, tanto dos “bolandistas”, dos “hagiógrafos”, como no das famosas “galerias de homens célebres”, tão abundantes nos três primeiros quartéis do século dezenove. A biografia moderna afasta-se do estilo romântico, sem ser friamente realista. A tendência predominante é fazer do biografado um ponto de referência à sua época, tornando a personagem mais universal, sem desumanizá-la.

⁵ O *contragolpe* é o *realismo*, dominante no fim do século dezenove.

a) Niilismo, uma condição normal. — *Niilismo*: falta-lhe a finalidade: a resposta à pergunta “Para quê?” — Que significa o niilismo? *Que os valores superiores se depreciam*.

Pode ser indício de *força*, pode o vigor do espírito aumentar até parecerem impróprios os fins que até então desejava alcançar. (“convicções”, ‘artigos de fé’) (—: porque a fé expressa geralmente a necessidade de *condições de existência*, a submissão à autoridade de certa ordem de coisas que prospere e desenvolva um Sei, proporcionando-lhe a *aquisição da potência...*); por outra parte, o indício de força, *insuficiente* para erigir a si mesma uma finalidade, uma razão de ser, uma fé.

Alcança o máximo de sua força relativa como força violenta de *destruição*: como *niilismo ativo*. Poderíamos dar como seu oposto o niilismo *fatigado* que não mais *ataca*: a mais conhecida de suas formas é o budismo, que é niilismo *passivo*, como sinal de fraqueza; a atividade do espírito pode estar fatigada, *esgotada*, de tal forma que os fins e valores preconizados *até o presente* pareçam impróprios e não mais se imponham, de sorte que a síntese dos valores e dos fins (sobre os quais repousa toda cultura sólida) se decomponha, e que os diferentes valores se guerreiem entre si; uma *desagregação...*; que tudo o que alivia, cura, tranqüiliza, adormenta, venha em primeira plana, sob roupagens diversas, religiosas ou morais, políticas ou estéticas, etc.

O niilismo representa um estado patológico *intermediário* (— patológica é a desmedida generalização, a conclusão que não tende a *nenhum sentido* —); ou porque as forças produtivas ainda não estejam suficientemente sólidas, ou porque a decadência ainda hesitante não tenha descoberto seus meios.

b) Condição desta hipótese. — Que *absolutamente não existe verdade*; que não há uma modalidade absoluta das coisas, nem “coisa em si”⁶. Isto propriamente nada mais é que niilismo, e o *mais extremo niilismo*. Ele faz consistir o valor das coisas precisamente no fato de que *nenhuma realidade* corresponde nem correspondeu a tais valores, os quais são nada mais que um sintoma de força por parte dos *que estabelecem escalas de valor*, uma simplificação *para conquistar a vida*.

3.

A pergunta do niilismo “para quê?” vem do uso, até hoje dominante, graças ao qual o fim parecia fixado, dado, exigido de fora — quer dizer, por alguma *autoridade supra-humana*. Quando desaprenderam a crer nessa autoridade, procuraram, segundo uso antigo, *outra* que soubesse falar a linguagem *absoluta* e *ordenar* desígnios e encargos. A autoridade da consciência é agora sobretudo, uma compensação para a autoridade *pessoal* (quanto mais a moral se emancipa da teologia mais se torna imperiosa). Ou então é a autoridade da *razão*. Ou o *instinto social* (o rebanho). Ou ainda a *história* com seu espírito imanente, que tem o seu fim em si própria, e à qual *podem confiadamente se entregar*. Desejariam desviar o querer, a vontade de um objetivo, o risco que poderiam correr ao marcar uma finalidade para si mesmos; desejariam desobrigar-se da responsabilidade (*aceitariam o fatalismo*). *Enfim: a felicidade*, e, com um pouco de “tartufismo”, a *felicidade do maior número*.

Dizem:

- 1) E de todo desnecessário um fim determinado;
- 2) é impossível prever esse fim.

Agora quando a vontade seria *necessária* em sua mais forte expressão, é justamente quando é mais *fraca* e mais *pusilânime*. *Desconfiança absoluta quanto à força organizadora da vontade de conjunto*.

(Época em que todas as apreciações “intuitivas” vêm, uma após outras, em primeira categoria, como se pudéssemos obter *urna direção* por intermédio delas, e como se dessa direção nos víssemos privados se procedéssemos de outra forma.)

“Para quê?” — Exige uma resposta 1) da consciência, 2) do instinto de felicidade, 3) do “instinto social” (rebanho), 4) da razão (“espírito”), — suposto que não estejamos obrigados a *querer*, a fixar-nos um motivo.

Depois sobreveio o *fatalismo*: “*absolutamente não há resposta*”, mas “para alguma parte estamos indo”, “é impossível querer um fim”, — com *resignação...* ou revolta...

Agnosticismo em relação à finalidade.

Depois sobreveio a *negação* considerada como explicação da vida: a vida considerada como algo

⁶ Neste caso o sentido de “coisa em si” é metafísico (Ding an Sich), pelo qual uma coisa subsiste em si mesma sem supor outra coisa, segundo o conceito kantiano e não no conceito realista vulgar de existência fora da representação. Mas Nietzsche, em negando a “coisa em si”, nega o conceito ôntico, o *noumeno* da acepção pós.kantiana, que afirma uma “existência” absoluta, fora da relação dialética, em movimento. Nietzsche aceita somente a relação trágico-dialética das coisas, em seu movimento de contradição, como já expusemos no prólogo.

que se concebe sem valor e que se acaba por *suprimir*).

4.

A mais geral característica dos tempos modernos: o homem desmereceu, ante seus próprios olhos, infinitamente em *dignidade*. Foi durante muito tempo centro e o herói trágico da existência, em geral; depois se esforçou ao menos em afirmar o seu parentesco com a porção decisiva da existência que possuía valor por si mesma — como fazem todos os metafísicos que querem manter a *dignidade do homem*, com a crença de que os valores morais são valores cardeais. Aquele que abandonou a Deus prende-se com redobrada severidade à crença na moral.

Crítica do niilismo

5.

O niilismo, como *condição psicológica*, aparecerá, *primeiramente*, logo que sejamos forçados a dar a tudo o que acontece o “sentido” que aí não se encontra: dessa forma, quem procura, acabará por perder a coragem. O niilismo é pois o conhecimento do longo *desperdício* da força, a tortura que ocasiona esse “em vão”, a incerteza, a falta de oportunidade de se refazer de qualquer maneira que seja, de tranqüilizar-se em relação ao que quer que seja — a vergonha de si mesmo, como se fôramos *ludibriados* por longo tempo... Esse *sentido* talvez fora: ou o “cumprimento” de um cânone moral superior em tudo o que tem ocorrido, o mundo moral; ou o aumento do amor e harmonia nas relações entre os seres ou parte da realização do estado de felicidade universal; ou até a marcha para um não-ser universal. — Uma finalidade qualquer basta para atribuir-lhe um sentido. Todas essas concepções têm de comum o quererem alcançar algo pelo seu próprio *processus*: — e logo se percebe que por esse “eterno vir-a-ser”⁷ *nada* se realizou, *nada* se atingiu... Assim a decepção quanto a um pretensão *alvo do “eterno vir-a-ser”* é a causa do niilismo: ou essa decepção relaciona-se com um propósito de antemão determinado, ou de maneira geral, percebe-se que todas as hipóteses de uma finalidade até aqui emitidas, quanto à “totalidade da evolução”, são insuficientes (o homem não mais se apresenta como o colaborador e, menos ainda, como o centro do “eterno vir-a-ser”).

O niilismo, como *condição psicológica*, aparecerá, em segundo lugar, logo que se estabeleça uma *totalidade*, uma *sistematização*, e também uma *organização* em tudo o que sucede e atrás de tudo o que sucede, de forma que a alma, sedenta de respeito e de admiração, navegará na idéia de um domínio e de um governo superiores (se é a alma de um lógico, o encadeamento das conseqüências e a realidade dialética absolutas serão suficientes para tudo conciliar...) Uma espécie de unidade, forma qualquer do “monismo”: e, como conseqüência desta crença, o homem, num sentimento de profunda conexão e dependência frente a frente de um todo que lhe é infinitamente superior, sente-se a forma material da divindade... “O bem da totalidade exige o abandono do indivíduo”... Ora, não existe semelhante totalidade!...⁸

No fundo, o homem perdeu a crença em seu valor, desde que não é um *todo* infinitamente precioso que atua por ele: o que equivale a dizer que concebeu este *todo* a fim de poder *dar crédito ao seu próprio valor*.

O niilismo como *condição psicológica*, possui ainda uma terceira e última forma. Aceitos estes dois *juízos*: a saber, que pelo “devir” nada deve ser realizado e que o “devir” não é regido por uma grande *uhilde*, onde o indivíduo possa inteiramente prender-se como num elemento de valor superior: resta-lhe o *subterfúgio* de condenar a totalidade daquele mundo do “devir” porque é ilusão, e inventar um mundo que se encontre além deste, mundo que será o mundo-*verdade*. Mas desde que o homem compreende que este mundo somente foi edificado para responder às necessidades psicológicas e que este não tem absolutamente nenhum fundamento, nasce-lhe uma forma suprema do niilismo, forma que abarca a *negação de um mundo*

⁷ No decorrer deste livro traduziremos a expressão *Werder*, que é o “devenir” francês, o *fieri* latino, umas vezes por “contínuo vir-a-ser”, por “eterno vir-a-ser” e outras pelo neologismo *devir*, já aceito por muitos gramáticos. Esse *devir* expressa o sentido da existência nietzscheana, de um contínuo vir-a-ser das coisas. Mas a expressão *Werden*, em Nietzsche, não é simplesmente a passagem de um estado para outro estado, um tornar-se, mas um contínuo tornar-se, porque ele não aceita o estático de um estado posterior. Assim *devir*, através deste livro, indica sempre a “eternidade do vir-a-ser” e nessa acepção deve ser compreendida pelo leitor.

⁸ O que Nietzsche nega aqui é a humanidade como totalidade. Ele adota a opinião de Goethe, que não aceitava a existência da humanidade... “Existem homens e nada mais que homens”. Para Nietzsche, a humanidade é ainda um desejo, uma conquista a ser obtida. Só acreditava na humanidade conquistada por super-homens, isto é, quando o “*Homo sapiens*” sobrepassasse a si mesmo. Para Nietzsche “humanidade” era simplesmente uma palavra.

metafísico, — que exclui a crença num mundo-*verdade*. Por este ângulo admite a realidade do “devir” como *única realidade*, proibindo qualquer desvio que leve a um além e a falsas divindades e *não tolera mais este mundo, embora não queira negá-lo*⁹.

— Que sucedeu então? Apesar de realizado o sentimento do não-valor compreendeu que não poderia interpretar o caráter geral da existência nem pela concepção de “finalidade”, nem pela de “unidade”, nem pela de “verdade”. Nada consegue nem obtém por meio delas; falta a unidade que intervém na multiplicidade dos acontecimentos: o caráter da existência não é “verdadeiro”, ele é *falso*... decididamente não tem mais razão de se persuadir da existência do mundo-*verdade*... Em uma palavra, as categorias: “finalidade”, “unidade”, “ser”, pelas quais demos um valor ao mundo, são *retiradas* por nós — e desde então o mundo tem o caráter de uma coisa sem valor...

Admitindo tenhamos reconhecido que o mundo, por estas três categorias, não pode mais ser *interpretado*, e que, segundo este exame, se desvalorize para nós, impõe-se perguntemos donde nos vem a crença nestas três categorias. — Experimentemos se não é possível recusar-lhes crédito! Desde que as tenhamos desvalorizado, a demonstração da impossibilidade de aplicá-las ao mundo não é mais razão suficiente para *desvalorizar o mundo*.

— Resultado: *a crença nas categorias da razão* é a causa do niilismo, — temos medido o valor do mundo de acordo com as categorias que se *relacionam com um mundo puramente fictício*.

6.

— Conclusão: todos os valores pelos quais experimentamos até o presente tornar o mundo avaliável para nós, e pelos quais temo-lo precisamente desvalorizado desde que se mostraram inaplicáveis, — sob o ângulo psicológico, todos estes valores são resultados de certas perspectivas de utilidade, estabelecidas para manter e aumentar as criações de domínio humano: mas falsamente *projetadas* na essência das coisas.

É ainda a ingenuidade *hiperbólica* do homem que o leva a considerar-se o sentido e medida das coisas...

Proposição principal. — Em que sentido o *niilismo completo* é a conseqüência necessária do ideal atual.

— *Niilismo incompleto*, suas formas: vivemos em meio dele.

— As tentativas para evitar o niilismo, *sem* transmutar os valores dominantes, provocam o contrário, agravam o problema.

Toda escala de valores puramente moral (como por exemplo a budista) termina no niilismo: eis o que se deve aguardar para a Europa. Pensa-se bastar um moralismo sem fundo religioso: mas aí o caminho do niilismo está necessariamente aberto.

— A pressão que *nos* obriga a considerarmo-nos como estabelecedores de valores, não existe na religião.

8.

Nada é mais perigoso que um objeto de desejo contrário à essência da vida. A conclusão *niilista* (a crença no não-valor) conseqüência da avaliação moral: — perdemos o *gosto do egoísmo* (embora reconheçamos que não existe ato não-egoísta); perdemos o *gosto da necessidade* (embora reconheçamos a impossibilidade do livre-arbítrio e da “liberdade inteligível”). Compreendemos que não alcançamos a esfera onde colocamos os nossos valores — mas, por este fato, a outra esfera, aquela onde vivemos, *nada* ganhou em valor: ao contrário, estamos *fatigados*, porque perdemos nosso estímulo principal. “Em vão, até agora!”

9.

O *niilismo radical* é a convicção da absoluta insustentabilidade da existência, quando se refere aos valores superiores que se aceitam; acrescenta-se ainda o sabermos que não temos o menor direito de fixar um além ou um “em-si” das coisas.

Esse conhecimento é a continuação do “espírito verídico” que se desenvolveu em nós: é também a conseqüência da fé na moral. — Eis aqui a antinomia: enquanto cremos na moral, *condenamos* a existência.

⁹ Nietzsche quer referir-se a certas concepções filosóficas que afirmam a existência de um “mundo-das-aparências”, o mundo em que vivemos, e um “mundo-verdade”, do qual este é simplesmente uma representação. Tal mundo-*verdade* os crentes colocam no num “além”. A concepção “essencialmente”, em suas diversas espécies, fixa este aspecto. Afirmando o mundo-das-aparências como único mundo da existência, Nietzsche emprestava uma grande força à escola moderna dos “existencialistas”, movimento atual da filosofia, ao qual muitos lhe atribuem o impulso principal.

— A lógica do pessimismo levada até os limites extremos do niilismo: qual é o princípio ativo? — noção da falta de valor, da *falta de sentido*: de que maneira as escalas de valores morais se encontram atrás de todos os outros valores superiores.

Resultado *as escalas de valores morais são condenações, negações; a moral afasta da vontade de viver...*

Problema: mas que é a *moral*?

O Niilismo Europeu

10.

Que *vantagens* oferecia a hipótese da moral cristã?

1) ela concebia ao homem *valor* absoluto, em oposição à sua pequenez e à sua acidência no rio do “devir” e da morte;

2) convinha aos advogados de Deus pelo caráter de perfeição que emprestava ao mundo, apesar da miséria e do mal, — aí compreendida a famosa “Liberdade” —: o mal aparecia cheio de *sentido*;

3) admitia que o homem possuísse um *saber* particular acerca dos valores absolutos, oferecendo-lhe, assim, para o que mais interessava, um *conhecimento adequado*;

4) evitava que o homem se desprezasse, enquanto homem, que tomasse partido contra a vida, e desesperasse do conhecimento; era um *meio de conservação*.

Em resumo: a moral era o grande *antídoto* contra o niilismo prático e teórico.

Mas, entre as forças que a moral alimentou, encontrava-se a *veracidade*: esta termina por volver-se contra a moral, descobrindo sua *telcologia*, sua consideração *interessada*; e agora, o *conhecimento* desta mentira tanto tempo encarnada, da qual perdemos a esperança de desembaraçar-nos, atua precisamente como estimulante. Verificamos em nós necessidades implantadas pela longa interpretação moral, que nos aparecem imediatamente como exigências de não-verdade: por outro lado, suportamos viver por aquelas necessidades, às quais o valor parece ligado. Nada estimamos do que conhecemos e não mais *ousamos* estimar aquilo que gostaríamos que nos iludisse: — deste antagonismo resulta um processo de decomposição.

Na realidade não temos mais necessidade de antídoto contra. o *primeiro* niilismo: em nossa Europa a vida não é mais incerta, arriscada, insensata a um tal ponto.

A elevação do valor do homem, do valor do mal, etc., a uma *potência* tão grande, não é mais necessária agora; suportamos uma redução importante desse valor, admitimos a parte de não-senso, de azar: a potência atingida pelo homem permite agora um *rebaixamento* dos meios de disciplina cuja interpretação moral foi o lado forte.

“Deus” é uma hipótese demasiadamente extrema.

Contudo as posições extremas são revezadas por posições mais moderadas, mas por outras igualmente extremas, somente diferentes por serem *às avessas*.

E assim que a crença na imoralidade absoluta da natureza, na falta de finalidade e de sentido, transforma-se numa paixão, psicologicamente necessária quando é insustentável a fé em Deus e numa ordem essencialmente moral. O niilismo aparece agora, não porque o desprazer da existência tenha aumentado, mas porque, de maneira geral, desconfiam da “significação” que possa haver no mal, ou até na existência.

Apenas *urna* interpretação foi destruída: mas como era considerada a única interpretação, poderia parecer que a existência nenhum significado tivera e que tudo fora *em vão*.

Resta demonstrar que este “em vão” é o caráter do niilismo atual. A desconfiança em nossos valores antecedentes acentua-se até ousarmos a pergunta: “Não serão todos os ‘valores’ meios de sedução, para arrastar a comédia sem que o desfecho se aproxime?” Essa *demora*, com um “em vão”, sem finalidade nem motivos, é a idéia mais *paralisante*, sobretudo quando se compreende que se foi enganado, sem ter a força necessária para não se deixar enganar...

Imaginemos essa idéia sob o mais terrível aspecto: a existência tal qual é, sem finalidade nem motivos, mas repetindo-se sem cessar, de uma maneira inevitável, sem um desfecho em o nada: o “Eterno Retorno”.

É a forma extrema do niilismo: o nada (o “contra-senso”) eterno!

Forma européia do budismo: a energia do saber e da força co-agem a uma tal crença: — E a mais *científica* de todas as hipóteses possíveis. Negamos as causas finais: se a existência tendesse a um fim, a esse

fim já teria atingido¹⁰.

O que se visa aqui, compreende-se, está em contradição com o panteísmo: porque a afirmação de que “tudo é perfeito, divino, eterno”, obriga igualmente a admitir o “Eterno Retorno”. Uma interrogação: esta posição afirmativa e panteísta em face de todas as coisas tornou-se impossível pela moral? Em suma: foi somente o Deus moral que foi ultrapassado? Terá sentido imaginar um Deus “além do bem e do mal”?

Seria imaginável um panteísmo dirigido *neste* sentido? Suprimindo a idéia de finalidade no *processus*, afirmariamos contudo o *processus*? — Este seria o caso de, no círculo deste *processus*, a cada momento deste, algo fosse *alcançado* — e sempre fosse a mesma coisa. Espinosa conquistou uma análoga posição afirmativa, no sentido que, para ele, cada momento tem sua necessidade *lógica*: e conquistou uma *semelhante* conformação do mundo graças ao seu instinto lógico fundamental.

Mas o caso de Espinosa é apenas um caso particular. Todo *traço fundamental de caráter*, formando a base de todos os fatos, exprimindo-se em todos os fatos, cada vez que fosse considerado por um indivíduo como seu traço fundamental, deveria impulsionar este indivíduo a aprovar triunfantemente cada momento da existência universal. Importaria precisamente em que esse traço fundamental de caráter produzisse em si mesmo uma impressão de prazer, que o tornasse a sentir como bom e precioso.

Ora, a moral protegeu a existência contra o desespero e a autodestruição entre os homens e as classes que foram violentadas e oprimidas por outros *homens*: porque é a impotência em face dos homens, e não a impotência em face da natureza, que produz o amargo desespero de viver¹¹. A moral tratou como inimigos os homens autoritários e violentos, “os senhores” em geral, contra os quais o simples devia ser protegido, quer dizer: antes de tudo *encorajado e fortificado*. Conseqüentemente a moral ensinou a *odiar* e a *desprezar* o que forma o traço fundamental do caráter dos dominadores: *sua vontade de potência*. Suprimir, negar, decompor essa moral: isso seria olhar o mais odiado instinto com um sentimento e estimação *contrários*.

Se o oprimido, aquele que sofre, perdesse a crença em seu *direito* de desprezar a vontade de potência, sua situação seria de desespero. Para que isso fosse assim, seria necessário que este gesto fosse essencial à vida e que se pudesse demonstrar que, na vontade moral, a “vontade de potência” foi apenas dissimulada, e que esse ódio e esse desprezo nada mais são que manifestações daquela. O oprimido compreenderia que se encontra no *mesmo terreno* que o opressor e que não possui *privilégio* nem *categoria superior* sobre este.

Bem ao contrário! Nada há na vida que possa valer, senão o grau de potência — com a condição, bem entendido, de que a própria vida seja vontade de potência.

A moral preserva os *deserdados* do niilismo, emprestando valor infinito a cada um deles, valor metafísico, classificando-os numa categoria que não correspondia à potência terrestre, à hierarquia do mundo: pregava a submissão, a humildade, etc. *Admitindo-se que a crença nessa moral fosse destruída*, seriam os *deserdados* privados das consolações dessa moral — e *pereceriam*.

— O *perecer* apresenta-se como vontade de perder-se, como escolha instintiva do que destrói *necessariamente*. Os sintomas da autodestruição nos *deserdados* são a autovivisseção, o envenenamento, o arrebatamento, o romantismo, acima de tudo a coação instintiva a atos pelos quais tornam os poderosos seus *inimigos mortais* (instituinto, por assim dizer, seus próprios carrascos), a *vontade de destruição* como vontade de um instinto mais profundo ainda, o instinto de autodestruição, a *vontade do nada*¹².

O niilismo é um sintoma; revela que os *deserdados* não têm mais consolação: que destroem para serem destruídos, que afastados da moral, não têm mais razão para “se resignarem”, que se colocam no terreno do princípio oposto e que querem também a *potência* do seu lado, *forçando* os poderosos a transformarem-se em seus carrascos. E a forma européia do budismo, a *negação ativa*, desde que a própria vida perdeu seu “sentido”.

É escusado acreditar que a “desgraça” se tenha tornado maior: pelo contrário! “Deus, a moral, a resignação” eram remédios para graus de miséria terrivelmente baixos: o *niilismo ativo* apresenta-se em condições relativamente muito mais favoráveis. Até o fato de se considerar a moral como ultrapassada implica um certo grau de cultura intelectual; e esta cultura, por seu turno, um bem-estar relativo.

Certa fadiga intelectual — impulsionada por uma longa luta de opiniões filosóficas até o cepticismo desesperado em face de toda a filosofia — caracteriza igualmente o nível, de forma alguma *inferior*, desses

¹⁰ Este é o argumento central de Nietzsche para a justificação de sua teoria do ‘Eterno Retorno’.

¹¹ Nietzsche fixa um aspecto comprovado entre nós, no caso do Ceará, e ainda no dos Árabes e de outros povos. O homem nunca odiou a terra. O desespero de viver nasce das relações dos homens entre si e não de sua incapacidade no domínio da natureza.

¹² Esta vontade do nada é o desejo de retorno ao ventre materno, os impulsos de morte que estuda a psicologia profunda da atualidade.

niilistas. Lembrem-se em que condições Buda entrou em cena. A doutrina do Eterno Retorno repousaria em hipóteses *eruditas* (como as que possuía a doutrina de Buda, por exemplo, a idéia de causalidade, etc.).

Que significa hoje “deserdado”? Impõe-se antes de tudo colocar a pergunta debaixo do aspecto *fisiológico* e não sob o ângulo político. A mais doentia espécie de homens da Europa (em todas as classes) forma o terreno do niilismo: essa espécie considerará a crença no Eterno Retorno uma *maldição* e quando impressionada por ela, não recua mais adiante de nenhuma ação. Querera apagar, não somente de modo passivo, mas ainda fazer *apagar* tudo quanto a este respeito esteja desprovido de significação e de fim. Embora isso não seja para ela mais que um espasmo, um furor cego diante da certeza de que tudo já existiu de toda a eternidade — inclusive este momento de niilismo e de destruição. O *valor* de uma tal crise é que *purifica*, reúne os elementos semelhantes e os faz destruírem-se uns aos outros, determina a homens de idéias opostas, tarefas comuns — pondo também à luz meridiana, entre eles, os fracos e os hesitantes, e provocando, assim, uma *hierarquia de forças* sob o aspecto da saúde; que ela reconhece pelo que são, os que mandam e os que obedecem.

Naturalmente fora de todas as convenções sociais existentes.

Quais os que se mostrarão *mais fortes*? Os mais moderados, os que não têm *necessidade* de dogmas extremos, os que não somente admitem, mas amam também uma boa parte de acaso, de “contra-senso”. Os que podem pensar no homem, reduzindo consideravelmente seu valor, sem que se sintam, por isso, diminuídos ou enfraquecidos: os mais ricos em relação à saúde, aqueles que estão à altura da maior desgraça e que, por isso mesmo, não temem a desgraça, homens que estão *convictos de seu poder* e que, com uma altivez consciente, representam a força à qual o homem atingiu¹³.

Como semelhantes homens imaginarão o Eterno Retorno?

11.

Os valores superiores, a cujo serviço o homem *deveria* viver, sobretudo quando dispusessem dele de maneira grave e custosa, *os valores sociais*, a fim de fortalecê-los, como se fossem mandamentos de Deus, foram elevados acima dos homens, como “realidades”, como o “verdadeiro” mundo, a esperança do mundo *a vir*.

Agora que a origem mesquinha daqueles valores se nos revela claramente, o universo por isso parece-nos desvalorizados, parece-nos ter perdido seu “sentido”... mas isso nada mais é que um estado *intermediário*.

12.

Perspectiva principal. — Escusado é lobrigar a missão da espécie superior na *direção* da espécie inferior (como por exemplo o fez Comte —), mas impõe-se considerar a espécie inferior como *base* sobre a qual a espécie superior pode edificar sua missão — base necessária ao crescimento daquela.

As condições que permitem a espécie forte e nobre conserva-se (em relação à disciplina intelectual), são o oposto às condições que regem a “massa industrial”, os especieiros à Spencer¹⁴.

Se o que apenas é permitido às naturezas mais *fortes* e às mais *fecundas*, para tornar *sua* existência suportável — os ócios, as aventuras, a incredulidade, e até incluindo a devassidão — permitindo fossem às naturezas *medianas*, inevitavelmente fá-las-ia perecer. E, efetivamente, sucede assim. A atividade, a regra, a moderação, as “convicções” consistem, em uma palavra, em “virtude de rebanho”: com elas a espécie de homens medianos atinge sua perfeição.

Causas do niilismo: 1) *Ausência da espécie superior*, isto é, aquela cuja fecundidade e potência inesgotáveis mantém a crença no homem. (Imaginem quanto devemos a Napoleão: quase todas as esperanças superiores deste século.)

2) *A espécie inferior*, — “rebanho”, “massa”, “sociedade” — esquece a modéstia e infla suas necessidades até transformá-las em *valores cósmicos e metafísicos*.

Assim ela vulgariza a existência: porque a massa tiraniza os homens de exceção quando governa, fazendo-lhes perderem a fé em si mesmos, e arrastando-os ao niilismo.

¹³ *Aqui já estão, em parte, enumerados os caracteres que Nietzsche deseja para o “super-homem”. Homens dessa espécie podem desejar o Eterno Retorno. Foi isso que não compreendeu o Pe. Leonel Franca. Para os desesperados o Eterno Retorno é uma maldição. Não o é para os que estão à altura do seu sofrimento.*

¹⁴ Este nome de *especieiros* é dado aos vendedores de especiarías. Nietzsche usa-o aqui, no sentido pejorativo, como “homens de idéias estreitas, comuns, desprovidos de elevação”.

Malogram-se todas as tentativas de imaginar tipos superiores (o "romantismo"; o artista, o filósofo; apesar-dos esforços de Carlyle em lhes emprestar valores morais superiores).

Como resultado, a *resistência* contra os tipos superiores. *Rebaixamento e incerteza de todos os tipos superiores*. A luta contra o gênio ("a poesia popular", etc).

A compaixão aos humildes e aos que sofrem, como *padrão* para a elevação da alma. Falta o *filósofo*, o intérprete da ação, e não apenas aquele que a transforma em poesia.

13.

Em que sentido o nilismo de Schopenhauer continua sendo a consequência de um mesmo ideal, criado pelo teísmo cristão. — Tão grande era o grau de certeza em relação ao objeto do mais elevado desejo, em relação aos valores superiores e à maior perfeição, que os filósofos nela se apoiavam como numa *certeza absoluta*, como numa certeza *a priori*: com Deus no cimo como verdade *imediate*. "Tornar-se igual a Deus", "fundir-se em Deus" — isso foi, durante milhares de anos, o objeto do mais ingênuo e do mais convincente desejo (— uma coisa convence, nem por isso é mais verdadeira: é somente *convincente*. Advertência destinada aos asnos).

Esqueceram-se de atribuir a essa fixação dos ideais uma *realidade pessoal*: tornaram-se ateus. Renunciaram, por isso, o ideal? Em resumo, os últimos metafísicos procuram sempre neste ideal a "realidade" verdadeira, a "coisa em si", em relação à qual o resto é aparência. Instituem como dogma que o nosso mundo das aparências por não ser visivelmente a expressão desse ideal, não poderia ser "verdadeiro", nem poderia remontar ao mundo metafísico que consideram como causa. E impossível que o incondicionado, enquanto representa esse perfeição superior, seja a razão de tudo quanto é condicionado. Schopenhauer, desejando que fosse de outra maneira, foi forçado a imaginar aquele fundo metafísico como antítese do ideal, como "vontade má e cega": assim este poderia ser "o que parece", o que se manifesta no mundo das aparências. Mas nem por isso renunciava àquele ideal absoluto... — e escapou-se por esta saída. (Kant parecia ter necessidade da hipótese da "liberdade inteligível" para desobrigar o *ens perfectum* da responsabilidade da forma como está condicionado este mundo, numa palavra, para explicar o mal: lógica escandalosa para um filósofo...)

A moral como avaliação superior. — *Ou* o nosso mundo é obra e expressão (modalidade) de um deus: neste caso impunha-se que fosse de *perfeição suprema* (conclusão de Leibnitz...) — e não se duvidaria de saber o que pertence à perfeição — neste caso o mal não poderia ser senão *aparente* (em Espinosa, de maneira mais *radical*, a idéia do bem e do mal), *ou* é preciso deduzi-lo do desígnio supremo de Deus (— talvez como consequência de um favor especial da divindade que permite a escolha entre o bem e o mal: este é o privilégio de não se ser um autômato: a "liberdade" a risco de enganar-se, de escolher mal... como por exemplo *Simplicius* em seu comentário acerca de Epicteto)¹⁵.

Ou o nosso mundo é imperfeito, o mal e o erro são reais são determinados, absolutos, inerentes à existência dele logo não é o mundo-verdade: logo o conhecimento é apenas o caminho para alcançar a negação deste; logo é um erro que como tal podemos reconhecer. E a opinião de Schopenhauer baseada nas hipóteses de Kant. Pascal é mais desesperado ainda: entendeu que o conhecimento também deveria estar corrompido, falsificado, — que a *revelação* é necessária para compreender o mundo, *inclusive* em forma negativa...

14.

As causas que devemos atribuir à *vinda do pessimismo*:

1) Os mais poderosos e mais fecundos instintos vitais foram até aqui *caluniados*. Por isso uma maldição repousa sobre a vida;

2) a bravura e probidade crescentes e a mais audaciosa suspeita do homem percebem que aqueles instintos não podem ser *destacados* da vida e conseqüentemente se voltam *contra* a vida;

3) só prosperam os mais *mediócras* que nem sequer sentem este conflito; a espécie superior malogra-se e indis põe-se contra si, como produto da degenerescência, — por outro lado *indignamo-nos* contra o medíocre que quer atribuir a si um caráter de finalidade e de sentido (— ninguém mais pode responder a um *para quê?* —);

4) o amesquinhar, a faculdade de sofrer, a inquietude, a precipitação, o formigar, aumentam incessantemente, — a atualização de todo este movimento, ao qual chamamos "civilização", torna-se cada vez

¹⁵ Simplicius foi um filósofo grego. Fez vários estudos, entre eles um acerca do "Manual de Epicteto". Já em seu comentário ao "De Coelo", de Aristóteles, Simplicius havia aproximado o pensamento de Epicteto àquele, filiando-o sistematicamente ao neoplatonismo. Simplicius obteve celebridade por erros ingênuos de sua obra. Nietzsche refere-se neste aforismo certamente ao fato de haver Simplicius feito esforços sobre-humanos para conciliar a filosofia de Epicteto com a de Platão e a de Aristóteles. Observe-se que Epicteto também é dos filósofos não-sistemáticos que se ausentam da maioria das "histórias" de filosofia.

mais fácil, e o indivíduo *desanima e submete-se* em face dessa enorme organização.

15.

Evolução do pessimismo ao niilismo. — Desnaturação dos *valores*. Escolástica dos valores. Os valores insulado e idealizados, em vez de conduzirem e de dominarem a ação voltam-se *contra* a ação que eles refutam.

Contrastes em vez de escalas e ordens naturais. Ódio à hierarquia. Os contrastes correspondem a uma época de gentilha porque são muito mais fáceis de *compreender*.

O mundo refutado em presença de outro artificialmente edificado, do “mundo-verdade”, é o único que vale alguma coisa. — Mas afinal se descobre com quais elementos é cons truído o “mundo-verdade”, e percebe-se que apenas sobre o *mundo-refutado*, e lhe é atribuída esta *suprema desilusão*.

Estamos agora em face do *niilismo*: conservaram-se os *valores que julgam* — e nada mais! Isso dá nascimento ao *problema da força e da fraqueza*:

- 1) nele os fracos se despedaçam;
- 2) os fortes destroem o que resiste;
- 3) os mais fortes ultrapassam os valores que julgam.

Tudo isso retinido cria a idade trágica.

Para a crítica do pessimismo. — A “preponderância da *tristeza* sobre a *alegria*” ou então o contrário (hedonismo): estas duas doutrinas já são indícios do niilismo.

Porque em ambos os casos, estabelecem como direção final os fenômenos de prazer ou de desprazer.

É assim que se manifesta certa casta de homens que não têm mais o brio de determinar para si uma vontade, uma intenção, uma diretriz: — para qualquer outra espécie mais sã não se mediria o valor da vida pelo padrão das coisas acessórias. E poderíamos facilmente imaginar um excesso de dor e, *apesar disso*, a vontade de viver, a afirmação da vida, ante a necessidade desse excesso.

“A vida não vale a pena ser vivida”; “resignação”, “que adiantam as lágrimas?” — eis aqui uma argumentação débil e sentimental. *Un monstre gai vaut mieux qu’un sentimental ennuyéux.*¹⁶

O pessimismo das naturezas enérgicas: “que adianta” após uma luta terrível, mesmo após a vitória? Eis aqui o instinto fundamental das naturezas vigorosas: compreender que algo existe, cem vezes mais importante do que sabermos se nos encontramos bem ou mal — e conseqüentemente o de sabermos se outros se encontram bem ou mal. Em suma, afirma-lhes que encontramos um fim, pelo qual não hesitamos em fazer *sacrifícios humanos*, em arrostar todos os perigos, em suportarmos o que há de pior: *é a grande paixão*. Porque o “sujeito” é apenas ficção, o “*ego*”, cujo egoísmo, dizem, desaparece totalmente quando censurado.

O filósofo niilista é um convicto de que tudo o que acon- 17 tece é desprovido de sentido e feito em vão; não deveria, porém, existir o ser inútil e desprovido de sentido. Onde vai buscar as razões que o levam a tal objeção? Onde vai buscar *esse* “sentido”, *essa* “medida”? — O niilista, em resumo, significa que o olhar volvido para semelhante *ser* vazio e inútil absolutamente não *satisfaz* ao filósofo, causando-lhe impressão de vazio e de desolação. Tal verificação está em contraste com nossa sutil sensibilidade de filósofo. Daí concluir-se esta apreciação absurda: impõe-se que o caráter da existência *ofereça prazer ao filósofo* para que este possa subsistir de pleno direito... É fácil compreender desde logo que o prazer e o desprazer, no domínio do que acontece, somente podem ser considerados como *meios*: é necessário ainda perguntar se, de maneira geral, nos será possível ver o “sentido”, o “fim”, e se a pergunta da falta de sentido ou de seu contrário, não será insolúvel para nós. —

Para a história do niilismo europeu

18.

Período de obscuridade: tentativas de todos os gêneros para conservar o antigo e não deixar o novo escapar-se.

Período de claridade: percebe-se que o antigo e o novo são antíteses fundamentais: os valores antigos nascem da vida decrescente; os novos, da vida ascendente.

Observa-se que o *ideal antigo* é ideal contrário à vida (nascido da *decadência* e determinando a decadência, embora adornado com as esplêndidas roupagens domingueiras da moral).

¹⁶ Em francês no original. A frase é de Voltaire.

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

